

# Relato de Prática Profissional

## Morte de aluno: luto na escola

### Death of a student: grief at school

### La muerte del estudiante: luto en la escuela

**Elaine Gomes dos Reis Alves**

*Universidade de São Paulo – São Paulo – SP – Brasil*

**Maria Júlia Kovács**

*Universidade de São Paulo – São Paulo – SP – Brasil*

O tema da morte ainda é tabu em escolas. Educadores têm dificuldades para abordar o assunto, mesmo quando a morte invade o espaço escolar (Alves, 2012). A bibliografia sobre a questão da morte, escola e educadores é escassa, indicando a importância de discussão sobre o tema.

O luto é um período de crise para a criança, que o enfrenta conforme ritos familiares e sua cultura. É um processo natural e necessário, pois se trata da dolorida elaboração da perda. A criança, em qualquer idade, necessita de apoio dos adultos. No período pré-operacional desconhece os principais atributos da morte (irreversibilidade, universalidade, funcionalidade e causalidade), o que pode dificultar o processo de elaboração da perda (Torres, 1999). Neste período precisa de informação e esclarecimento quando ocorrem mortes de pessoas próximas. É necessário abordar: culpa, egocentrismo, pensamento mágico onipotente e animismo (Kovács, 2010; 2012). No período das operações concretas a criança ainda não compreende a morte no âmbito abstrato, embora saiba que ela ocorre com seres animados.

As fantasias refletem o processo de elaboração do luto da criança em decorrência da morte [...] e seu conhecimento possibilita a compreensão de seus sentimentos, comportamentos e sintomas. A partir da apreensão de suas fantasias e de seu processo de enlutamento, é possível auxiliá-la a compreender o que vivencia, contribuindo para seu processo de elaboração da perda. (Franco & Mazzorra, 2007).

A perda de pessoas próximas remete a criança à própria morte e dos seus e pode trazer problemas escolares, sintomas físicos e psíquicos, ansiedade e baixa autoestima. Falar sobre as perdas auxilia no enfrentamento dos medos que podem surgir; porém, familiares, educadores e profissionais geralmente têm dificuldades em abordar o tema. É necessário estar disponível, observá-la em seu estágio de desenvolvimento, compartilhar sentimentos e esclarecer dúvidas. A criança pode participar de velórios e enterros em qualquer idade. Rituais ajudam na elaboração da perda, oferecem conforto e autorizam a expressão dos sentimentos (Alves, 2012).

Este texto tem o objetivo de descrever o trabalho realizado em 2014, na Grande São Paulo, em escola de ensino fundamental I, após a morte de um aluno do 4º ano em decorrência de uma queda durante exercício, em dupla com o melhor amigo, na aula de Educação Física (EF).

O aluno recebeu cuidados básicos e ficou em observação. Quando vomitou, a mãe foi contatada e considerou consequência de uma gripe, solicitando que fosse para casa com a perua escolar. No dia seguinte, o Colégio foi informado que o aluno passara por cirurgia devido a traumatismo craniano e estava em coma induzido. Diretora e Orientadora Pedagógica visitaram a família e ofereceram aos pais toda a assistência necessária. A criança faleceu três dias após a queda e seus pais pediram que os funcionários do colégio não comparecessem ao velório/enterro. No dia seguinte a mantenedora do Colégio solicitou assessoria psicológica para alunos, profissionais e famílias.

## Relato de Atividades

Dia 1 – Na volta às aulas após recesso de dois dias, um dos responsáveis pela instituição, orientado pela consultoria, recebeu e acolheu crianças e profissionais, facilitando comentários e perguntas sobre a morte do aluno.

Dia 2 – A psicóloga (sem vínculo com o colégio) realizou escuta ativa com diretora, orientadora pedagógica, duas professoras e três funcionários. O ideal seria um encontro com todos ou com a maioria dos funcionários. Nessa reunião, os educadores inconformados com a proibição de participar dos ritos funerários, relataram o que sabiam desde o acidente até o enterro.

Os trabalhos da psicóloga foram divididos em: a) Atendimento individual aos funcionários; b) Conversa com todas as crianças, em todas as salas, nos dois períodos de aula; c) Conversa com a classe do estudante falecido e ritual de despedida; d) Atendimento individual aos alunos interessados; e) Escuta ativa dos pais do aluno falecido; f) Atendimento aos pais dos outros alunos da escola; g) Palestra “Morte e Luto” para pais de alunos; h) Palestra “Falando de Morte com Crianças” para funcionários.

Conversa com alunos - Atividade realizada em todas as salas de aula, com a participação de todos os alunos e professoras. A psicóloga se apresentou dizendo estar lá para falar sobre a morte do colega. Fez as perguntas abaixo individualmente, inclusive para a professora. Ao final informou que estaria à disposição para aqueles que quisessem conversar em particular. Perguntas: 1) Nome; 2) Conhecia (nome do aluno falecido)?; 3) O que sentiu quando soube da morte? - Objetivo: expressão de sentimentos, compartilhar com colegas, esclarecer que é possível sentir muito, pouco ou nada, conforme o vínculo com a pessoa; 4) Já morreu alguém de sua família, ou algum bicho de estimação? – Objetivo: conhecer as perdas significativas de cada um (experiência de luto); 5) Qual dessas mortes o deixou mais triste? – esclarecer os motivos de sentir mais ou menos tristeza, autorizar e validar quando a maior tristeza é pela morte de um animal (com quem a criança tem mais vínculo); 6) Tem medo de alguma coisa? – A morte sempre desperta medos; 7) Quer me contar mais alguma coisa? – Possibilitar a fala de outras dificuldades.

Conversa com alunos da sala da criança falecida - Após falar com cada um, iniciamos o ritual de despedida do colega morto: 1) Decidiram manter a carteira do colega e seus trabalhos expostos na sala; 2) A professora entregou os cadernos do colega para os alunos olharem; 3) As crianças tentaram cantar uma música em homenagem ao colega, mas não conseguiram e a professora tocou “Canção da América”, composta por Milton Nascimento. Ouviram em silêncio e se emocionaram; 4) Após a música, aqueles que estavam com cadernos do colega os levaram até a carteira dele e tiveram uma conversa de despedida. Aos poucos, quase toda a classe fez sua despedida. Conforme saiam, se abraçavam e choravam juntos, sentados no chão; 5) As professoras (sala e EF) participaram do ritual. Todo tempo a professora da sala cuidava dos alunos, abraçando-os e

chorando com eles; 6) Três crianças escreveram na lousa e, aos poucos, todos deixaram uma mensagem. Foi o momento mais bonito e interativo do ritual; 7) Quando terminaram, pediram para dar uma volta e a professora assumiu a partir dali.

Atendimento à mãe do melhor amigo – Orientação sobre como lidar com a dor de seu filho e possível sentimento de culpa, uma vez que realizavam juntos os exercícios de EF no momento da queda.

Atendimento ao melhor amigo – Pensava no amigo o tempo todo, acreditava ter responsabilidade na queda e temia ser acusado pelos colegas e pais do aluno morto. Ficava envergonhado ao falar do assunto.

Funcionários: Foram realizados três atendimentos à professora de EF em cuja aula ocorreu o acidente. Somente a secretária e a orientadora pedagógica procuraram a psicóloga.

Alunos: 24 alunos foram conversar com a psicóloga. Seis deles o fizeram mais de uma vez.

Palestra “Morte e Luto” para pais: Esclarecimentos sobre tipos de morte e luto. Poucos pais compareceram e se diziam ansiosos em compreender o acidente (elucidado pela professora de EF). Quatro pais solicitaram atendimento psicológico, mas não compareceram ao colégio.

Palestra “Falando de Morte com Crianças” para os funcionários: Elucidação de dúvidas sobre tipos de morte e suas consequências; processo de luto; tempo e tipos de luto. Todos tiveram a oportunidade de falar sobre seus sentimentos. Os temas mais comentados foram: sentimentos relacionados ao aluno e sua morte; inconformismo e indignação por não poder participar do velório e do enterro.

Encontro com os pais enlutados: Falaram sobre a perda e a dor. Entendiam que Deus lhes emprestara o filho por 10 anos. Esclareceram que, devido a boatos (amigos e familiares responsabilizavam a escola e faziam ameaças) temiam pela integridade dos funcionários e, por isso, pediram que não fossem aos rituais de despedida.

Finalização do trabalho com a classe do aluno morto: Dois meses depois a psicóloga retornou à sala do quarto ano e conversou com todas as crianças. As perguntas foram: 1) Nome; 2) Como você se sente agora, depois de dois meses, com a morte do (nome)?; 3) Está melhor, igual ou pior do que da primeira vez em que conversamos?; 4) O que você gostaria de me falar?

Alguns alunos disseram pensar pouco no colega morto. Outros disseram ter melhorado, mas ainda não se sentiam bem. Um número significativo de crianças disse estar pior: muito triste, pensar muito no colega a ponto de comprometer a atenção e concentração nos trabalhos escolares e sentir necessidade de falar com e sobre o amigo. Todos manifestaram desejo de ir ao cemitério. A professora se sentia melhor depois ter conversado com a mãe. Uma aluna disse que apesar de triste, ajudou muito a orientação para conversar com o colega por meio de cartas.

## Considerações

Três alunos relataram que antes da aula de EF, o colega dizia não estar se sentindo bem e que, durante o exercício, ele estava sentado, se desequilibrou e caiu. Os funcionários ficaram indignados e inconformados por não poderem participar do velório/enterro. Entenderam como castigo imposto pelos pais que os culpavam pelo acidente, aumentando o sentimento de pesar e dificultando o processo de luto. Alunos e professores do outro período, embora lamentassem, estavam menos envolvidos com o fato. Apenas três profissionais procuraram atendimento psicológico. A professora da sala, em encontros nos corredores, relatou frustração por não ter se despedido do aluno, dificuldade para dormir, pensamento persistente, dor no peito e tristeza. Os funcionários que estiveram com o aluno após a queda, fizeram os procedimentos necessários, mas questionavam se tinham feito tudo o que era possível e sentiam-se responsáveis.

Crianças compreendem a morte por volta dos 8-10 anos; os alunos do quarto ano tinham entre 9 e 10 anos. Com o passar do tempo, viveram a irreversibilidade da morte e a impossibilidade de reencontrar o amigo. Nesse período o sentimento de pesar se intensifica e inicia a angústia da tentativa de elaborar a perda (processo de luto). O luto é a experiência mais importante e mais difícil do ser humano, é individual, singular e subjetivo e não há tempo determinado para o final desse processo (Alves, 2012; Parkes, 2009; Franco & Mazorra, 2007).

Foi relatado que após a morte, os colegas da sala estavam mais agitados e indisciplinados, questionando e brigando muito. Desorientação, raiva e insubordinação fazem parte do processo de elaboração do luto. Mudança de comportamento, *déficit* de atenção e concentração e diminuição do rendimento escolar são esperados. O trauma gera insegurança e o grupo busca adaptar-se à nova realidade. Podem vir à tona outros medos não relacionados à morte do colega. Para a pergunta “Você tem medo de alguma coisa?” e “Gostaria de me contar mais alguma coisa?”, foi relatado medo de bater a cabeça e morrer como o colega, separação dos pais, violência doméstica e saudade do genitor distante.

Houve demanda de alunos e profissionais para compreender a agressividade, *déficit* escolar por desordem familiar, relacionamento pais-filhos, inclusão e dificuldades nos relacionamentos profissionais, que indicaram a impor-

tância da presença de psicólogo na instituição. Foi indicado acompanhamento psicológico para quatro funcionários e oito alunos para melhor elaboração do luto e outros motivos.

Durante a palestra, os funcionários puderam perceber que seus sentimentos e sensações físicas eram naturais e esperados durante o processo de luto. Apesar do esclarecimento do motivo do pedido para não irem aos ritos funerários, o sentimento de frustração se mantinha. A partir do relato e da análise algumas atividades sugeridas à coordenação da escola para trabalhar a questão da perda e da morte: 1) Realização de um “Pic-nic com (nome)” - A visita ao cemitério é importante para a compreensão da morte e oportunidade de uma despedida concreta, que pode trazer à tona a dor e a saudade. A ideia de um *pic-nic* (cemitério com conceito de jardim permite esta atividade) pode tornar esse momento mais leve e agradável. 2) No dia do *pic-nic* - A escola enviaria flores e, os alunos desenhos, fotos, cartas e bilhetes de despedida. 3) Ao completar um ano da morte - Homenagem ao aluno com participação dos funcionários e colegas e, se possível, com os pais do aluno.

## Referências

- Alves, E. G. R. (2012). Educação Para o Luto. *Carta Fundamental*, Artigo, p. 56 -57.
- Franco, M. H. P.; Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. psicol.* (Campinas), vol.24, no.4, Out./Dec.
- Kovács, M. J. (2010). A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. Em M. H. P. Franco (Org.), *Formação e rompimento de vínculos: O dilema das perdas na atualidade* (pp. 145-168). São Paulo, Summus.
- Kovács, M. J. (2012). Educadores e a Morte. *Psicologia Escolar e Educacional*. Volume 16, n. 1, pp.71-81.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus.
- Torres, W. (1999). *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em: 11/05/2015

Aprovado em: 04/08/2015

### **Sobre as autoras**

**Elaine Gomes dos Reis Alves** (elainegralves@gmail.com)

Laboratório de Estudos sobre a Morte, Instituto de Psicologia USP; Pós-doutoranda em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano.

**Maria Júlia Kovács** (mjkoarag@usp.br)

Livre-Docente do Instituto de Psicologia da USP; Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM-IPUSP).

Trabalho solicitado à primeira autora devido à morte de um dos alunos. Trabalho realizado com os alunos, educadores e familiares.